PAULO FREIRE - UNIVERSIDADE DO RECIFE - Agosto/79

Eu tenho falado muito, não apenas durante este mês que eu reencontrei-me no Brasil para falar da minha vida, e nem sempre eu tenho encontrado momentos como este de ter de dizer alguma coisa que cause-me angústia. Por outro lado, eu estou absolutamente convencido que eu é que devia homenagear isto aqui, ainda que receba muito contente esta homenagem sincera. Eu não teria uma outra maneira melhor para, agradecendo a riqueza de afeto que encontro agora, homenagear vocês senão dizendo um pouco da saudade que tive do Brasil neste fim de ano, que me leva necessariamente a repetir, pensar e repetir em São Paulo e no Rio por circunstâncias como estas.

Pensei, inclusive, quando ainda em Genebra recebi um telegrama deste Centro que me abraçava porque era possível vir aqui, mas em que me pedia uma tarde de conversa. Pensei, ingenuamente, pela distância em que me achava, se seria possível conversar um pouco sobre aspectos das experiências de que participo na África, por exemplo, discutindo então aspectos pedagógicos, políticos, etc, desta experiência. Quando pensei isto em Genebra, fui realmente ingênuo. É que aqui, agora, diante de vocês eu me sinto incapaz. Uma, porque tenho conhecido as experiências de deixar tudo mas é porque acho, acho que não tem sentido, acho que não tem sentido falar a vocês a não ser da experiência da saudade, que também é pedagógica. E é isso que farei, rapidamente, prometendo que não sei bem quando mas em qual quer tempo, eu voltarei aqui e aí posso discutir e dar o sentido da experiência de que participo na África.

A primeira coisa que eu diria nesta tentativa de homenageá-los, falando de como lutamos, lá lutamos e não eu lutei, como lutamos, Elza, e a criança pegava e falava: É minha namorada. Continuando. Para todo dia lembrando-nos do Brasil, uma adolescente. De um lado, era preciso preservar em nós a nossa intensidade cultural, preservar a língua e a linguagem mais ou menos bífais de outros encontros; eu espero que não esteja falando muito diferente de vocês

pelo menos do ponto de vista da musicalidade, no esforço que fazíamos para não permitir que a nossa saudade legítima se convertesse em nostalgia. Para que a saudade ser convertida em nostalgia não nos levasse influentemente a algo que foi para, pelo contrário, saudosamente do que foi viver o presente que estávamos vivendo fora do Brasil e pensando no dia em que fosse possível voltar. A saudade dos ritmos, a saudade das cores, do verde forte, do verde ameno, a saudade do céu azul do Nordeste, da aguinha morna, do ventinho que Aníbal Fernandes chamava de "ventinho ensinado", a saudade das comidas de que eu tenho falado tanto, todo o Brasil dentro deste mês. A comida que já me fez engordar depois da chegada. A saudade dos amigos, a saudade dos parentes, a saudade do cheiro da terra, a saudade do povo brasileiro, a necessidade de ouvir minha língua, de falar nela, de expressar-me nela, a saudade das noites, a saudade, às vezes, até dos maus momentos, às vezes se sucediam sempre bons momentos, a saudade de participar, de pensar o contexto meu. Com quinze anos de aprendizagem, de uma aprendizagem nem sempre fácil por exemplo de que sem recusar, sem negar a minha raiz, eu deveria tanto quanto possível compreender bem o novo contexto em que me achava. A aprendizagem, em que cultura nosso porta-juízos de valor estão nos sendo ou não sendo alguma coisa diferentemente do outro povo. E a gente pode, às vezes, pensar nisso, ler sobre isso, mas o bom mesmo é viver isso, é nos experimentarmos nas diferenças que não significam que são melhores ou piores. Me lembro agora, uma vez recém-chegado a Santiago, quando saía por uma das ruas de Santiago com um chileno, punha a minha mão no seu ombro e marchávamos, quando ele me disse revelando um sentir-se incomodado com a minha mão, quando ele me disse: — Paulo, entre nós não se faz muito isso. Eu agradeço, falei a ele da necessidade de começar a aprender a cultura nova. Mas, quando fui pra casa, eu dizia a mim mesmo: Há algo errado nesta cultura que rejeita um gesto afetivo. Um ano depois, eu fazia a minha primeira visita na África, foi meu reencontro comigo mesmo no exílio. E quando no "campus" da Universidade de Dahr , passeava pelo jardim com um professor tarzaniano, de repente ele agarra a mi

nha mão, balança a dele e portanto a minha, e marchávamos como namorados. E eu fui tomado de um susto e dizia a mim mesmo: O que não diria agora um pernambucano se me visse assim. Mas imediatamente, mas imediatamente me lembrei do Chile e disse a mim: Há algo errado em minha cultura que rejeita um gesto afetivo. Porque quando ele soltou a minha mão, eu pus depressa as duas no bolso. E percebi uma vez mais, uma vez mais entre tantas vezes, o sentido machista e não marxista de nossa cultura. E hoje não importa onde esteja, não faz mal nenhum que agarrem a minha mão, desde que não seja para algemá-la.

A experiência se repete na Índia, onde é comum também, e eu não estranhei. Mas o aprendizado desses quinze anos, o aprendizado da cultura, das novas experiências, claro que não parou apenas no episódio do ombro ou das mãos, se estendeu a vários outros aspectos, a tudo, a valorações, a preconceitos e quanto mais eu aprendia tudo isso também sei idealizar as minhas raízes, eu mais as sentia em mim. E repetidamente pelas marcas profundas, extensas que eu carreguei comigo para o meu exílio, foi precisamente por causa destas marcas que eu tracei muito bem que a minha andarilhagem pelo mundo não se converteu jamais num vagar sem sentido. Se eu não tivesse um pensamento marcado pelo Recife, pelo Nordeste, pelo Brasil, eu não teria me sentido latino-americano. É a minha "pernambucandade" que me faz brasileiro, profundamente brasileiro. Uma brasilidade que rejeita loteamentos do Brasil e vê o Brasil em toda a parte que seja Brasil: Rio, São Paulo, Recife, Maceió, Aracaju, Campina Grande, Caruaru, Jaboatão Moreno, Bahia, realmente tudo. E essa brasilidade que, em última análise, decorre da minha "pernambucandade" que me faz descobrir depois, desdobrando-me em latino-americano. Por isso mesmo, quando me perguntam hoje na Europa, nos Estados Unidos, de onde eu sou, eu digo sempre: Latino-americano do Brasil. E se insistem um pouco mais, aí então eu venho à minha raiz, que ela explica o resto. E é esta minha "latino-americanidade" que, finalmente, me faz terceiro mundista e que me leva a essa andarilhagem pelo mundo a fora; falando aqui, falando ali, ouvindo muito, aprendendo sempre, ensinando às vezes.

Mas, se não fosse como eu dizia antes, o cuidado com o que eu sempre fui, com o que eu sempre olhei, geei, tratei as minhas marcas, eu não teria tido sentido neste exílio. E, então, a experiência do exílio se tornaria uma desesperação ou um cinismo, o viver por viver como quem não existiu. E eu sempre recusei simplesmente, viver mas não poderia existir se não tivesse uma marca ao qual me referisse. E esse marco somos nós, somos nós todos. Sem ofender por exemplo aos povos e as culturas que me receberam, eu diria a vocês uma coisa que talvez não seja fácil de ser compreendida por quem precisa ser experimentada.

Nos quinze anos de exílio, voltando para casa a tardinha, eu jamais tive a sensação de voltar pra cá. É incrível, se vocês, inclusive me dissessem: — Paulo, explica melhor. Isso eu não sei explicar. O que eu sei é que é a impressão que eu sempre tive por mais bem que eu quizesse ao país onde eu estava como o Chile, por exemplo, eu nunca tive essa sensação gostosa de quem volta às cinco e meia pra dentro de casa e que já sabe que tem um certo cantinho ao qual a gente se domestica, um cantinho pra ler, um cantinho pra escrever, um cantinho pra falar... Eu na verdade, nunca experimentei voltar. Eu tive a sensação da volta perto de um mês, quando descí no Brasil, quando sobrevoei o Brasil. Vocês não podem, bem é claro que podem, imaginar o que tem representado pra mim, pra Elza, para os meus filhos, que deixaram o Recife um com cinco anos, o outro com oito anos e que voltam agora e que precisavam voltar um dia, para fazer a descoberta do que são.

Eu me lembro que Joaquim há um mês e meio mais ou menos, conversando comigo, me dizia: — Velho! A nossa viagem ao Brasil é realmente bom. Porque quando me perguntam em Friburgo, na Suíça, tu és suíço? Eu digo: — Não. Eu sou brasileiro. Mas o meu medo, é que chegando ao Brasil, descobrir que não sou brasileiro e saber que não sou suíço. O mais moço me dizia, depois de ter passado por São Paulo e pelo Rio numa viagem para Campos, on visitamos nosso irmãos, meus sobrinhos, primos deles, ele me dizia: — Papai, eu tenho dois fantasmas: o fantasma da Suíça e o fantasma do Brasil. Essa via

gem está me ajudando a desvelar um desses fantasmas, o desvelado um, fica despido o outro porque um deles via a verdade. E há dois dias, me dizia o Andrews que apesar da dificuldade que estão tendo de compreender certas coisas, de entender a linguagem, o que é natural porque eles preservam o português espantado do Nordeste, que eu espero não estar distanciado demais de vocês. Mas, preservam os vestígios, certos macetes que eu levei em 64. Neste quentinho sol é que estamos voltando em 64. Só nesse, porque nos outros está dizendo 79. E eles me diziam ontem: — Não há dúvida nenhuma, nós somos brasileiros

E é com alegria que eu afirmo isso... A brasilidade dos meninos. Não, porque se eles me dissessem: — Olha, papai, não dá. Nós vamos agora nos naturalizar suíços. Eu não ia chorar, nem brigar. Eu não poderia ter escrito apesar do juízo oprimido, de brigar com meus filhos por causa de uma opção. Mas, estou contentíssimo com a sua opção.

Vocês devem bem imaginar o que está sendo esta peregrinação. Lamentavelmente, eu não pude cumprir uma promessa que havia feito aos dois, de me dedicar dois ou três dias a nós três para andar em certos caminhos, em certos pedaços do Recife; outros dias a nós quatro; outros dias, os três, Elza, e Joaquim. Isso tudo eram sonhos que não se possibilitaram no concreto. Tive apenas a possibilidade de sair com os dois de ver a casa em que nasci, está lá do mesmo jeito e eu estou convencido que ela resistiu esses quinze anos porque deve haver algum litígio com relação ao terreno, porque senão tinha virado edifício! Sem dúvida nenhuma. Pudemos ir ao caldo de cana, onde eu tomei caldo de cana, pudemos ir à Jaboatão onde eu morei quando era menino, e mostrei a casa onde morei. No rio, eu pequei pra comer, não para brincar.

Mas, a emoção nossa realmente tem sido, tem sido enorme e é também interessante dizer a vocês que essa emoção, inclusive, se expressa a vocês dessa exposição tão partida, tão sem ordem, no instante exatamente esse sentimento que me toma. Posso até pensar que desastre seria se eu tivesse tentando fazer um discurso pedagógico.

Eu saía com Elza para o Aeroporto a fim de curtir um ar, , naquela época devia ser no Rio de Janeiro, e olhava pelas portas do táxi as ruas de Recife e guardava o meu silêncio, nada dizia à Elza, nada perguntava. Contente, porque o chofer não me perguntava nada também; e pensava quando seria possível voltar ou se seria possível. Quinze anos depois, voltei ainda não de vez, mas voltei. Revi Recife, já não é mais o meu, o da minha geração, é o da jovem geração, Recife que eu não reconheço. Eu preciso andar com meu cunhado, que é da minha geração, pra ele dizer: Isto aqui foi tal coisa. Porque os meus sobrinhos não sabem dizer. E, então, eu me perco completamente, eu não sei sair só no Recife.

Mas, muita coisa do Recife ficou e sobretudo a capacidade de querer bem do que vocês me dão agora esta prova. Eu queria então, devolver aqui com a mesma intensidade com que vocês me testemunharam o seu bem, o meu bem, o bem de Elza e o bem dos filhos. Muito Obrigado!